

Resenha do livro *HyperCities: thick mapping in the digital humanities*, de Todd Presner, David Shepard e Yoh Kawano

Bruno Grandchamp Rodilha¹

Hipercidades: por que, para quem?

A cartografia, suas práticas e possibilidades temáticas, há tempos, se mostram como aliadas das ciências humanas em suas investigações, já que permitem a visualização transversal de informações em um dado território. O avanço técnico do fazer cartográfico bem como a onipresença das tecnologias virtuais vêm abrindo novos caminhos para tradicionais questionamentos das humanidades. É disso que parte o livro *HyperCities: thick mapping in the digital humanities*, publicado em 2014 pela editora da Universidade de Harvard, como parte das investigações do metaLAB², laboratório e estúdio de produção focado em experimentações tecnológicas relacionadas a artes e humanidades. A obra é assinada por três pesquisadores da UCLA (*University of California Los Angeles*) de áreas distintas: Todd Presner, que lidera a discussão no livro, é pioneiro no estudo de ciências humanas digitais (*digital humanities*), pesquisador de história das mídias e professor de línguas germânicas, literatura comparada e estudos judaicos na UCLA; David Shepard, professor e pesquisador de literatura comparada na mesma universidade; e Yoh Kawano, sociólogo e pesquisador.

Em linhas gerais, o livro se foca na questão do resgate e documentação histórica, social e particular das localidades urbanas, a partir da tecnologia. Para tanto, *HyperCities* apresenta quatro casos que constroem territórios digitais (LEMONS, 2008) por meio de mapas, imagens técnicas pós-fotográficas (FLUSSER, 2018), dados geográficos e relatos, delineando possibilidades temáticas e metodológicas para as ciências humanas digitais.

¹ Mestrando em Tecnologias da Inteligência e Design Digital pela PUC-SP.
CV Lattes: lattes.cnpq.br/3258313674430933. Contato: bgrodilha@gmail.com.

² Descrição, projetos e publicações do metaLAB estão disponíveis em: metalabharvard.github.io. Acesso em: 02 jun. 2019.

Ao longo do livro, os capítulos se alternam entre discussões conceituais e apresentações dos casos selecionados. Assim, no primeiro capítulo, os autores introduzem um breve glossário para definir os três termos-chave da obra: *hypercity*, em que o prefixo *hiper* é aplicado ao substantivo *cidade* a fim de imprimir sobre ela múltiplas camadas informacionais, narrativas e aspectos fenomenológicos que extrapolam o ambiente físico; *thick mapping*, como um processo de mapeamento digital espesso na quantidade e variedade de informações sobrepostas em determinada localidade; por fim, definem *digital humanities*, como um desdobramento das tradicionais ciências humanas para o cenários digitais, tanto no que diz respeito às suas temáticas quanto aos seus métodos. Após elucidar o tripé conceitual da obra, os autores buscam colocar a problemática do estudo das humanidades no domínio do olhar sobre as práticas cotidianas, retomando o conceito de *flâneur*, presente em muitos autores do final do séc. XIX e início do séc. XX, como Walter Benjamin e Edgar Allan Poe, porém transpondo-o para uma observação em territórios digitais.

Para expor os casos, os autores optaram por dar voz aos realizadores de cada experimento, dando um tom colaborativo ao trabalho. O primeiro caso, *Ghost map of downtown Los Angeles*, apresentado por Philip Ethington, busca justapor as memórias das populações de Los Angeles no mapa da cidade, a fim de construir uma topografia das particularidades e relações que se desenvolvem nas ruas dessa metrópole. O segundo experimento, apresentado por Mike Blockstein e Reanne Estrada, configura uma mapa histórico-social de *Filipinotown*, região de Los Angeles que abriga uma grande comunidade de imigrantes filipinos, contando a história dessa comunidade por meio de relatos, fotografias e vídeos produzidos por seus membros. Dialogando com os trabalhos selecionados, Todd Presner apresenta historicamente a vontade humana de ver seu mundo verticalmente e discute as potencialidades das tecnologias de georreferenciamento para essa empreitada. Ainda, David Shepard, responsável pelos capítulos de caráter mais tecnológico, discorre sobre o sistema cartográfico e imagético que compõe o *Google Earth* e pontua a importância dessa plataforma para o desenvolvimento dos projetos apresentados no livro.

O terceiro projeto apresentado foi conduzido por Diane Favro e Chris Johanson e recorre à reconstrução digital de monumentos históricos da Roma Antiga, com especial atenção à reprodução de exterior e interior do senado romano para documentar a história e trazer possibilidades imersivas de aprendizado sobre a cidade imperial. Como quarto e último caso, Xárene Eskandar buscou registrar em tempo real a relação entre

as manifestações de 2009 nas ruas de Teerã com as interações via redes sociais sobre as questões políticas no país, apresentando aplicabilidades significativas para os estudos sociológicos na era digital. Arrematando, Todd Presner e Yoh Kawano, apresentam uma visão sobre as potencialidades na participação digital da construção do conhecimento e refletem sobre os caminhos para que as ciências humanas sejam cada vez mais integradas às tecnologias.

A hipercidade delineada ao longo do livro, para os autores, configura um objeto de estudo complexo pois abrange tanto narrativas históricas quanto desdobramentos futuros possíveis, esboçados diariamente por seus habitantes. Assim, Presner, Shepard e Kawano entreveem a cooperação de diferentes áreas do conhecimento para documentar, explorar e discutir esse território digital cada vez mais presente e necessário para o desenvolvimento científico. A aposta dos pesquisadores da UCLA, na construção de mapas digitais espessos, propõe, além da consolidação do uso das tecnologias pelos pesquisadores de humanas, um resgate das memórias e particularidades dos lugares pelas populações locais como um certo exercício de subversão.

O potencial da cartografia digital para estudos sociológicos, políticos e culturais é inegável, bem como a possibilidade de resgate histórico de localidades há muito esquecidas ou abandonadas. Entretanto, é preciso abordar as benesses tecnológicas também com senso crítico, principalmente quando se propõem à subversão de uma ordem, já que os sistemas telemáticos, desde suas remotas concepções, se apoiam em práticas mercadológicas centradas na filosofia do dinheiro (SIMMEL, 2004). A proposta de Presner, Shepard e Kawano é agregar memórias e imagens pessoais aos modelos tradicionais de mapeamento sem presumir que uma tenha a capacidade de a outra. Como explicado por Shepard, o uso das bases *Google* são de suma importância para a operacionalização dos mapas dessas hipercidades, assim a leitura de *HyperCities* apresenta conceitos relevantes para cientistas da área de humanidades interessados em práticas históricas e digitais, bem como vislumbra aplicações interessantes de resgate e empoderamento e populações. Porém é preciso atentar-se às consequências de tal empreitada, caso mais memórias, sentimentos e histórias sejam virtualizadas e caiam nas mãos de interesses puramente comerciais.

Referências

FLUSSER, Vilém. *Filosofia da caixa preta: ensaios para uma filosofia da fotografia*. São Paulo: É Realizações, 2018.

LEMONS, André. Mídia locativa e territórios informacionais. In: SANTAELLA, Lucia; ARANTES, Priscila (orgs.). *Estéticas tecnológicas: novos modos de sentir*. São Paulo: EDUC, 2008.

PRESNER, Todd; SHEPARD, David; KAWANO, Yoh. *HyperCities: thick mapping in the digital humanities*. Cambridge: Harvard University, 2014.

SIMMEL, Georg. *The philosophy of money*. Abington: Routledge, 2004.